

O FIGUEIROENSE

ORGAO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

Editor

José Francisco da Silva
Director e Administrador
Joaquim dos Santos Granada

ASSIGNATURAS

Um anno	1820
Seis mezes	860
Brazil, anno	2400
Africa, anno	1820
Numero avulso	403

Anunciam-se as obras das quaes se recoba um exemplar

Publica-se aos sabbados

Administração, composição e impressão na typographia
do
CENTRO REPUBLICANO
Rua da Agua — FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director
Originæes sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados preços convencionaes

PORTUGAL

Para qué andaes vós, ó gente portugueza, sempre a escrever e a dizer que Portugal está prestes a baquear, está moribundo, está agonizante?

Sim, para que escreveis e dizeis tantas e tantas vezes essa superfluidade?

Até tendes o desplante de dizer que Ele está desgraçado!

Que miseria! Que incoerencia!!

O nome de Portugal nunca agonizará!

O nome de Portugal jámais desaparecerá da memoria dos seus filhos; daqueles que o adoram e veneram como baluarte supremo e glorioso dos feitos extraordinarios que canta a nossa Historia!

O nome esplendoroso de Portugal é entoado em todos os corações patrioticos como um hino sacro vindo dos céus, iluminando e consolando as nossas almas.

Imerso na mais profunda tristeza, Portugal, nome sagrado, sente-se pezaroso pela imbecillidade e falta de energia patriótica dos seus filhos de agora.

Eles, incapazes de sustentar o nome incomparavel que os nossos avós nos legaram, cavaram o abismo onde irremediavelmente hão de cair; mas o nome de Portugal, esse, que ha tempos vem sendo venenosamente abocanhado e brutalmente espinhado, ferido e esfrangalhado por alguns estrangeiros e por essas cabeças incompetentes e desgovernadas que só pela febre da ganancia querem o *poleiro*, reprecitir-se ha sempre pelos seculos fóra nos corações dos que o amam como se ama o que nós temos de mais querido na vida; — o nome de nossa santa Mãe!

E o nome de Portugal nome sagrado, esse resoará eternamente por todos os corações amantes!

Vós, que sois portuguezes como eu, não vos sentis ufanos ao lerdes a Historia de nossos avós e cujo estimulo sagrado que os levava a formidaveis emprezas, era o nome de Portugal?

Portugal é a nossa Patria, o nosso berço natal, conseguintemente a Mãe-Patria de todos nós.

Devemos pois, respeitá-la e

venerá-la como os bons filhos respeitam e veneram aqueles que lhes deram o ser!

Não vos sensibilisa sequer o pronunciar o nome de Portugal?

Não! Eu bem o sei!

Vós já não sois aqueles valentes portuguezes doutros tempos, que eram tão sentimentilistas como leoninos!

Para vós perdeu-se para sempre, sumindo-se na impenetravel escuridão dos tempos, a valentia, o arrojo e a temidez do sangue dos luzitanos passados!

Out'ora fomos, entre todos os povos do mundo, os mais decididos homens na guerra, na conquista erguendo então bem alto o pendão sublime da nossa raça indomavel e independente!

Fomos levar aos povos incultos instrumentos desconhecidos e depois de preparados para a luta mostravamos-lhes como se morria no campo da peleja, em prol da independencia de Portugal!

Entre feitos valorosos e gigantes, a raça portugueza mostrou ao mundo todo o vigor do seu sangue de valentes.

E a pena potente e incomparavel do maior poeta da renascença latina — o grande Camões, — sublimadamente cantou todos esses feitos heroicos num maravilhoso poema, que será sempre o orgulho duma raça!

Camões! Grande Camões! Como «a ditosa Patria minha amada» se sente hoje alquebrada e pezarosa!

Olha, hoje a arma forte dos portuguezes é a politica; nisto são os primeiros! Se fosse, ao menos, uma politica sã e desinteressada que se fizesse; mas não! Eles, fazem politica, mas uma politica mesquinha, cheia de falsidades!

Vá lá, meu principe dos poetas luzos, como esta terra tão linda e encantadora, se encontra hoje, terra cheia de iradições extraordinarias e feitos inauditos sublimadamente impressos nas paginas imorredoiras dos seus refulgentes Luziadas!

Um sol incomparavel, tão lindo, que nos aquece e afaga, de luz tão viva, tão brilhante, que além, no Atlantico, em mil reflexos doirados se espelha

nas suas aguas murmurantes, que banham este cantinho poetico e sonhador, assim tão esquecido, assim tão desprezado!

Lembraí-vos de Portugal como de vossa santa mãe, quando vós creancinhas ainda, ela vos acarinhava ternamente, embalando-vos com doçura em seus cuidadosos braços em noites de vento e invernias e depois de vos adormecer ia colocar vos meigamente, amorosamente, no pequenino berço dos primeiros anos e no dia seguinte, logo ao alvorecer da aurora, os seus primeiros zelos, os seus primeiros carinhos eram para vós, que dormitáveis ainda no berço rendilhado e cor de rosa da infancia!

Hoje que sois homens, que tendes filhos, repara e bem quanto deveis a vossas mães, repara e na dedicação, no carinho, no amor que elas vos dispensaram! Vede bem a divida que contraístes!

Olhai, que é preciso pagal-al!

Agora vede tambem que o sol rutilante que vos ilumina é o sol inegalavel de Portugal; que a agua que bebeis e vos banha é de Portugal e que tudo aquilo que comeis vem do mar e da terra e vós, sim! e vós sois uns ingratos, que não agradeceis a Deus o bem que nos fez dando-nos este torrãozinho encantador, tão cubiçado pelos estrangeiros, que bem pudera ser um primôr, que bem pudera ser um paraizo em tudo e por tudo!

Guilherme Agria

Repressão do jogo

Depois duma interpelação energica do deputado sr. Antonio Granjo — illustre leader do Partido Liberal, o sr. dr. Domingos Pereira, presidente do governo tomou o compromisso de fazer reprimir imediatamente o jogo d'azar, dando já instruções nesse sentido tanto em Lisboa como para os restantes distritos do paiz.

É uma medida de saneamento publico que não pode deixar de merecer todo o nosso aplauso e que de ha muito vinha sendo reclamada por todos aqueles para quem a dignidade e o patriotismo não são ainda palavras vãs.

O jogo ilicito tinha na verdade tomado entre nós tal incremento e eram tão funestas as suas consequências que quasi diariamente se repetiam as lamentaveis scenas de desespero a que elas conduziam, levando o luto, a dor e muitas vezes a miseria e ate a deshonra a lares respeitabilissimos.

Dessa negregada industria outros frutos não vinham para o paiz que não fossem o descredito, o desapego ao trabalho, a falta de decoro e dignidade, a devassidão o roubo etc., etc., etc.

Bem hajam, pois, todos os que concorreram para a espurgação desse verdadeiro cancro nacional entre os quaes, honra lhes seja, não podemos deixar de salientar o nosso conceituado colega «O Seculo» que meteu os seus hombros herculeos á salutar tarefa, agitando decisivamente a opinião publica do paiz num movimento de protesto que teve decisivo eco no respectivo Congresso.

O preço dos adubos

Ao Ex.^{mo} Sr. Ministro da Agricultura

Tendo os jornaes noticiao recentemente que V. Ex.^a tomára as providencias precisas para que a lavoura nacional tivesse, por preços rasoaveis, os superphosphatos que necessita, achamos do nosso dever vir informar a V. Ex.^a que nunca esses superphosphatos atingiram até hoje a exorbitancia de preços que o comercio e as fabricas de adubos agora exigem por eles, preços de tal modo elevados que é impossivel ao lavrador obter dos produtos agricolas a que os applique receita que compense o exagero do seu custo.

Efectivamente, Ex.^{mo} Senhor Ministro, os superphosphatos a 12% que antes da guerra nos custavam apenas a nove e a dez escudos por tonelada estão hoje a ser vendidos a cento e deseseis e a cento e vinte escudos cu seja doze vezes mais caros do que naquella epocha!

E sabido como é que o superphosphato é o adubo fertilisante por excellencia facilmente se avalia dos prejuizos de varias ordens que a falta do seu emprego vae ocasionar.

Urge pois, Ex.^{mo} Ministro, que V. Ex.^a tome com a precisa energia as providencias que este momentoso assunto reclama que outras não podem ser, a nosso ver, que não sejam as duma equitativa fixação de preços acompanhada do abastecimento do mercado a que o governo deverá proceder por conta propria quando o comercio e a industria dos adubos usem dos costumados processos de especular-

camento, que no nosso paiz tanto abundam.

Em assuntos de tamanha importancia e que tanta e tão directa ligação teem com o abastecimento da alimentação publica não deve haver, e decerto V. Ex.^a não permitirá que haja diversidade de «*Moraes*»; Ora V. Ex.^a que já flexou o preço do azeite e ordenou o manifesto dos gados, para impedir as exigencias desmarcadas dos seus produtores e detentores, decerto vae proceder da mesma forma relativamente ao preço dos adubos, objecto exclusivo desta nossa exposição.

Defeso da caça

Por falta de espaço não podemos publicar no numero passado deste jornal as disposições penaes da lei da caça de cujo defeso nesse numero tratamos. Hoje o fazemos para que aqueles que as transgridam não possam alegar ignorancia quando forem chamados a responderem pela transgressão:

Art. 8.^o — É rigorosamente prohibido sob pena de 10\$00 de multa ou 20 dias de cadeia, caçar á espera, de noite, de emboscada, o uso de ratoeiras, armadilhas, laços, redes, reclames e o uso de forão.

Art. 15.^o — A epocha de caçar em todo o continente principia em 1 de setembro e finda em 15 de fevereiro.

Art. 17.^o — Só é permitido caçar no defeso os animaes daninhos mediante uma licença da commissão venatoecia.

Art. 20.^o — É absolutamente prohibida, sob pena de 30 dias de prisão removíveis a 10 centavos por dia, a destruição das covas, luras, ninhos, ovos ou ninhadas de quaesquer especie de caça.

Art. 38.^o — Incorrem na pena de 20\$00 de multa ou tres mezes de cadeia.

Os que no tempo da caça fizerem uso de meios não permitidos por lei.

Os que caçarem sem licença.

Os que armarem ratoeiras, laços ou outras armadilhas no tempo do defeso.

Os que caçarem dentro dos fogos postos durante os primeiros 4 dias após estes.

AMAE!

Amáe a Luz, ó almas talentosas!
Amáe o Campo, a Arte e as Nascentes;
Amáe as nossas Aguas tão dormentes,
Amáe as pobres Flores melindrosas.

Amáe o vosso lar, as mariposas,
Amáe as avesinhas tão dolentes,
O Céu, o Luar, Estrelas refulgentes,
E o fulvido Jardim das nossas Rosas!

Amáe a Deus e á terra Portugueza,
Os templos, Religião e Natureza,
O Bem, o Proximo e este sol ideal!

E o bom Deus protegendo a nossa Terra,
No Belo e no Encanto que Ela encerra,
Abençoará o nobre Portugal!

Guilherme Agria

foi posto pelo caçador, além da multa será julgado pelo crime de fogo posto.
Todas as reincidências são punidas com penalidades em dobro e superiores.

RESPONDENDO

(Ao Valentim)

Deve extranhar, por certo, meu caro Valentim, que só agora venha responder á sua tão boa e adorável carta.

Começo já por lhe dizer que não sou literata; eis o motivo da minha indecisão em responder; eis a minha razão também porque tão tardiamente o faço.

Por Deus, Valentim, não me pergunte quem eu sou!

Pobre e triste no mundo tenho lido os seus queixumes, tenho prescutado as suas dores, tem-me contado o seu sofrer.

Julgo a minha alma irmã gêmea da sua, e assim creio mutuamente comprehendermos.

Perdõe o mal que lhe fiz em ir-lhe recordar uma felicidade que perdeu.

Não foi esse o meu designio; não era esse o meu intento.

Eu não queria fazer-lhe mal; assim como o proscrito em terra estrangeira chora ao ouvir as canções da Patria, assim eu queria que o seu coração chorasse as lagrimas santas e benditas do amor, que outr'ora perdeu.

Se «recordar é viver» eu queria, meu caro Valentim, que, recordando, vivesse de novo as alegrias do passado.

Com que então decorou o meu soneto logo á segunda leitura?

Se João de Deus tinha razão quando dizia serem bons os versos que o povo decora e canta, na opinião do mimoso poeta, o meu bom amigo,

quiz ter a gentileza de num pequeno soneto encontrar bons versos.

Olhe, Valentim, deixe-me dizer-lhe, gosto da poesia; ainda hoje sou grata á memoria duma santa mestra que me indicou as leis da metrificacão.

De então para cá quantos versitos não tenho feito! Alguns os guardo no relicario d'ouro das minhas recordações. Talvez para me rir um dia da minha ineptia, talvez para chorar um dia as loucuras da mocidade!

Mas com franqueza, dir-lhe-hei ainda:—pela primeira vez, no soneto que tive o arrojo de lhe dedicar, Gutemberg logrou reproduzir o meu sentir.

Foi arrojo, não foi? Veja nele, não, o seu valor, que é nulo, mas o que significa: admiração ao seu mimoso talento de poeta e prosador!

Que cruel não foi Bulhão Pato na arida e desconsoladora resposta que fez enudecer, de certo, a sua lyra de poeta, cortando os vãos á sua alma que devia subir!

Cruel e creio que injusto. Teria, Valentim, ele porventura direito, o Poeta, partir tão abruptamente as cordas do seu plectro que tudo indicava seria mavioso e sentimental?

Por certo que não! Como eu desejaria ler, reler e decorar esses versos, quicá, agora rasgados, e cujas cinzas nem sequer foram guardadas. Pois não é verdade, meu bom amigo?

Interessou-me deveras a ultima parte da sua carta. Tem ella um fundo de verdade quando afirma que a mulher portugueza, altiva e presunçosa, deseja sempre ver na estimia intelectual que um homem de letras lhe dedica, um principio de namoro.

Que culpa temos nós, Valentim, que esta sociedade assim nos educasse?

E deixe-me dizer-lhe, meu caro, que vós, os homens, tendes muita culpa nisto mesmo. Por ventura não sois vós mesmos que nos chamaes leviãnas por um simples motivo

de uma maior liberdade para convosco?

Não sois vós mesmos, com a vossa critica mordaz, que nos obrigaes muitas vezes a reprimir os impetos da nossa alma que queria ser livre nas omnimadas manifestações das simpatias do nosso coração?

Que dirieis vós da mulher, menina, joven ou senhora, que se abalançasse durante horas a expandir a sós com o seu irmão intelectual todos os sentimentos da sua alma, que desejasse voar á região da liberdade, da sciencia e da arte?

Ah! Meu caro Valentim, como a sociedade é cruel para nós!

Agora mesmo que estou escrevendo, eu estou pensando:—

Que diria a sociedade de mim se soubesse quem era aquela que ousava vir responder-lhe nas columnas do jornal que tão amavelmente me acolheu?

Que sorrisos escarninhos, que criticas tão injustas! Por Deus, de novo lhe peço Valentim, não deseje saber o meu nome.

Talvez um dia, a si, só para si eu lho ouse revelar.

Por enquanto veja em mim uma irmã carinhosa, cuja alma é irmã da sua pelo sofrimento e aqui lhe quer deixar consignada a sua muita admiração.

Celia

Carlos d'Almeida Seixas

Esteve alguns dias nesta vila este considerado comerciante da praça de Lisboa.

Sua Ex.^a que visitou agora pela primeira vez Figueiró dos Vinhos, aonde tem muitas pessoas de familia, sabiu daqui de veras encantado com as belezas naturais desta região, prometendo-nos para breve nova e mais demorada visita.

EDITAL

Artur Urbano de Castro, engenheiro agronomo, Director Geral da Economia e Estatística Agricola.

Faço publico que os proprietarios e detentores de gado bovino, ovino, caprino e suino são obrigados a manifestar, verbalmente ou por escrito, desde o dia 1 até ao dia 8 do proximo mez de março, perante os regedores das freguezias onde o gado se encontrar á data do manifesto, o numero de cabeças das referidas especies de que forem donos ou pelas quais forem responsáveis, quer adultas (bois, vacas, carneiros, ovelhas, bodes, chibatos, cabras, varrascos, porcos e porcas), quer adolescentes (vitelos, bezerrros, cordeiros, malatos, cabritos, bácoros e leitões).

A falta de declaração ou a negativa de prestar os esclarecimentos devidos será punida com prisão correccional até 3 mezes e multa de 50\$ até 100\$; a falsa declaração com multa igual ao dobro do valor da réz sonogada ou declarada a mais.

Direcção Geral da Economia e Estatística Agricola, em 26 de fevereiro de 1920.

O Director Geral,

Artur Urbano de Castro

Anuncio

1.^a publicação

NO Juizo de Direito desta comarca, cartorio do 3.^o ofi-

cio e no inventario orfanologico a que se procede por obito de Miguel Antunes Cepas, que foi do Troviscal, freguezia de Castanheira de Pera correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste no «Diario do Governo», citando para assistir a todos os termos até final do referido inventario, Julio Inacio Lameiras, marido da interessada Conceição Rosa Cepas, ausente em parte incerta no Brazil.

Figueiró dos Vinhos, 10 de fevereiro de 1920.

O escrivão ajudante
Antonio Lopes
Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Pereira de Carvalho

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.^a publicação

PELO Juizo de Direito desta comarca, cartorio do primeiro officio, correm editos de trinta dias citando os interessados Manoel Fernandes e mulher Felismina Maria, Domingos Fernandes e mulher Maria Fortunata e Cipriano Fernandes, menor pubere, ausente em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario por obito de Adelino Fernandes, que foi morador no lugar do Ameal, freguezia de Castanheira de Pera.

Figueiró dos Vinhos, 12 de fevereiro de 1920. E eu, Anibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, que o escrevi.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Pereira de Carvalho

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.^a publicação

PELO Juizo de Direito desta comarca, cartorio do primeiro officio, correm editos de trinta dias citando os interessados Antonio dos Santos e mulher Maria Gertrudes Simões, ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario de menores por obito de Domingos dos Santos e mulher Maria Marques, que foram moradores no lugar do Fato.

Figueiró dos Vinhos, 14 de fevereiro de 1920. E eu,

Anibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, que o escrevi.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Pereira de Carvalho

Anuncio

1.^a publicação

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PELO Juizo de Direito desta comarca, cartorio do primeiro officio, correm editos de trinta dias citando José Soares, como representante de sua filha menor Bemvinda Maria, ausentes em parte incerta, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico por obito do avô materno da mesma menor de nome José Rodrigues, viuvo, que foi morador no lugar do Pisão do Baeta.

Figueiró dos Vinhos, 14 de fevereiro de 1920. E eu, Anibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, que o escrevi.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito
Pereira de Carvalho

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.^a publicação

PELO Juizo de Direito desta comarca, cartorio do primeiro officio, correm editos de trinta dias citando os interessados João da Silva, viuvo, Francisco da Silva, casado, e Joaquim da Silva, solteiro, ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico por obito de Antonio da Silva, que foi morador no lugar do Cercal.

Figueiró dos Vinhos, 20 de fevereiro de 1920. E eu, Anibal Veiga Ferrão Paes, escrivão, que o subscrevi.

Verifiquei a exactidão
O Juiz de Direito,
Pereira de Carvalho

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

2.^a publicação

PELO Juizo de Direito desta comarca, cartorio do segundo officio correm editos de trinta dias a partir da segunda publicação destes, citando o interessado ausente em parte incerta Manoel Antonio para assistir a todos os termos do inventario orfanologico de sua mulher Maria Rosa Mendes, moradora que foi no lugar da Lomba da Casa, freguezia de Aguda desta comarca.

Figueiró dos Vinhos, 30 de janeiro de 1920.

O Juiz de Direito
Pereira de Carvalho
O escrivão do 2.^o officio
Fernando Guedes da Silva